

Rupturas e adaptações na passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio

Maria Adrielly Correia de Castroⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Ayla Cassiano Vieira Gomesⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Luyara Duarte de Souzaⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

Este trabalho analisa as perspectivas de cinco estudantes do 1º ano do Ensino Médio que estão vivenciando o processo de transição e adaptação a novas rotinas escolares. As mudanças impactaram suas relações interpessoais, hábitos de estudos e logística de deslocamento. A pesquisa qualitativa fundamentou-se majoritariamente nas teorias de Piaget (1984) e Vygotsky (1996), utilizando entrevistas para uma coleta aprofundada de dados. Portanto, os resultados revelam que esse momento provocou alterações significativas nas rotinas diárias dos estudantes, exigindo uma reorganização tanto acadêmica quanto pessoal. Para superar as dificuldades desse período, eles recorreram principalmente a estratégias como o desenvolvimento de novas habilidades de gerenciamento do tempo. Conclui-se que, essa estratégia é essencial para auxiliar outros estudantes a se prepararem para essa transição, oferecendo-lhes uma maior compreensão sobre como gerenciar eficazmente às novas demandas que surgirão no Ensino Médio.

Palavras-chave: Ensino Médio. Ensino Fundamental. Rotina. Transição.

Breaks and adaptations in the transition to high school

Abstract

This study analyzes the perspectives of five first-year high school students who are experiencing the process of transition and adaptation to new school routines. The changes impacted their interpersonal relationships, study habits, and commuting logistics. The qualitative research was primarily based on the theories of Piaget (1984) and Vygotsky (1996), using interviews for an in-depth data collection. Therefore, the results reveal that this period caused significant changes in the students' daily routines, requiring both academic and personal reorganization. To overcome the challenges of this period, they mainly relied on strategies such as developing new time management skills. It is concluded, that this strategy is essential to help other students prepare for this transition, providing them with a better understanding of how to effectively manage the new demands that will arise in high school.

Keywords: High School. Elementary School. Routine. Transition.

1 Introdução

2

Durante sua vida acadêmica, o estudante passa por desafios, mudanças e adaptações em relação aos estudos e aos âmbitos sociais e emocionais. Entende-se que o processo de aprendizagem demanda uma junção complexa de fatores que corroboram para a assimilação do que está sendo proposto para o alunado. Dentro desta perspectiva, o estudante que está saindo do Ensino Fundamental (6 a 14 anos) e ingressando no Ensino Médio (15 a 17 anos), tende a enfrentar diversas mudanças que podem afetar sua aprendizagem e, conseqüentemente, seu desempenho escolar. Entende-se que, durante essa fase, este passa por mudanças relacionadas ao seu processo de maturação sexual, teoria proposta pelo pensador Lev Vygotsky que irá construir através de suas ideias uma concepção em relação a essa fase. De acordo com Vygotsky (1991), há um erro nas teorias que afirmam o não surgimento de um novo pensamento na adolescência, ele debate a incoerência de autores que defendem tal ideia, afinal segundo ele é nessa fase que irão surgir novas camadas de personalidade, normalmente influenciadas pela cultura e vivências do adolescente.

Partindo desse ponto de vista, será exposta a perspectiva de estudantes que estão nesse processo de transição e modificação de suas rotinas. Os relatos expostos foram analisados na procura de entender o quanto essa transição impactou o emocional desses jovens, afinal segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento cognitivo da criança está diretamente ligado ao seu meio social, ou seja, essas mudanças bruscas podem ter impacto sob seu desenvolvimento e aprendizagem. Destaca-se, pontos ligados aos aspectos culturais que afetam o primeiro contato com essa nova rotina, ponto muito presente a partir do relatado em entrevistas feitas com 5 jovens do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de Fortaleza no estado do Ceará. Tais alunos, que possuem por volta dos 15 anos, irão responder algumas perguntas sobre as diferenças relacionadas a suas prioridades comparadas ao período em que estavam cursando o Ensino Fundamental e atualmente no Ensino Médio. As perguntas feitas, foram visando abordar suas dificuldades, relações no ambiente escolar, pontos de vista em relação aos profissionais da educação e aspectos ou dificuldades enfrentadas por esses não só

dentro da escola, mas também fora dela. Sobre os docentes, foi de suma importância escutar a perspectiva dos discentes em relação aos mesmos, visto que segundo Paulo Freire (2008), a educação deve ser dialógica, em que o professor atuará como um mediador e o aluno será incentivado pelo mesmo a construir seu conhecimento e tirar suas próprias conclusões. Com isso pode-se afirmar que a relação entre professor e aluno é de suma importância durante a fase abordada.

Nesse sentido, é possível observar a também a teoria sociocultural de Vygotsky (1991) na prática, onde o estudante está inserido em um contexto que o faz interagir e desenvolver sua subjetividade. Durante essa idade, os adolescentes entrevistados estão passando pela “Idade de Transição”, conceito também abordado pelo psicanalista. Ou seja, os estudos deste serão de suma importância para uma maior compreensão, e para entender, através das entrevistas, como os entrevistados estão lidando com os novos obstáculos, visando aprofundar o debate da influência cultural, estrutural e econômica em relação ao desempenho destes durante esse ano. O artigo dividiu-se então em alguns tópicos, a Metodologia que irá apresentar como foi desenvolvido o processo de coleta de dados, os Resultados e Discussões foram divididos em quatro subtópicos: 3.1) Do caos da transição à ordem das rotinas: um novo capítulo na vida do adolescente, que busca contextualizar o processo de transição; 3.2) Relações interpessoais, com foco nas relações dos entrevistados; 3.3) Rotina de estudos ou falta dela, apresentando a rotina escolar mais voltada a rotina de estudos em si; 3.4 A rotina de deslocamento e tempo, um tópico que trará a questão de como esses adolescentes estão se locomovendo e se organizando em relação a isso; 4) Considerações finais, por fim fazendo um aparato de toda a obra e refletindo sobre a mesma.

2 Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida de modo qualitativo, com cinco adolescentes do Ensino Médio de uma escola pública estadual do município de Fortaleza, com idades entre 14 e 15 anos. O modelo de coleta apresentado, foi escolhido pelo fato da procura pela captação com mais intensidade a

subjetividade dos indivíduos, revelando recortes de suas trajetórias acadêmicas e suas implicações com o mundo social. Com isso, entende-se que:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de dados de uma variedade de materiais empíricos - estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais - que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (Denzin *et al.*, 2006, p. 17 *apud* Guerra, 2014, p. 15).

Partindo desse pressuposto, utiliza-se entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados e os entrevistadores foram cinco estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, que se dividiram em duplas para realizá-las. Foram formuladas oito perguntas, sendo quatro de cunho pessoal e quatro que exploravam a essência da pesquisa. As entrevistas foram conduzidas sempre com o objetivo geral em mente, que era: Entender os efeitos sentidos pelos estudantes na rotina escolar por ocasião da transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio. Dado que, essa transição pode provocar mudanças significativas na rotina desses adolescentes, a pesquisa investiga como essas transformações afetam a vida escolar dos entrevistados. Dessa maneira, a ideia surgiu de discussões e reflexões dos pesquisadores sobre o tema escolhido, esses como universitários, ao compararem seus percursos, decidem se aprofundar na temática.

A condução da pesquisa seguiu uma série de fases cuidadosamente planejadas para garantir a coleta e análise adequadas dos dados. Primeiro, após definir o tema e o objetivo da pesquisa, foram elaboradas as perguntas e posteriormente a procura por uma escola disposta a colaborar com a pesquisa. Um dos pesquisadores visitou a escola pessoalmente para explicar o contexto da pesquisa e o responsável pela coordenação concordou com a proposta e autorizou a coleta de dados com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, escolhidos por ele sem fornecer uma justificativa específica para a seleção. Com base nisso, as visitas foram realizadas em dias previamente agendados com o coordenador da instituição.

Em relação às entrevistas, estas foram gravadas por meio de um aplicativo de mensagens, e o conteúdo foi transcrito para análise. Antes de iniciar a gravação, foi solicitado o consentimento dos participantes e a autorização dos responsáveis, que foi formalizada por meio de termos de consentimento e consentimento devidamente assinados.

Durante as entrevistas, uma das principais dificuldades foi a incompatibilidade entre os horários disponíveis dos pesquisadores e os horários vespertinos dos informantes. Além disso, o coordenador da escola permitia a realização das entrevistas somente na sua presença. Apesar dos contratempos impostos pela rotina acelerada, foi possível realizar a coleta de dados em dias úteis, no período da tarde, em dias alternados, sempre respeitando as restrições impostas pela escola.

As entrevistas com os cinco adolescentes foram realizadas individualmente e de forma presencial. Para registrar as respostas, os pesquisadores utilizaram a função de gravação de áudio do aplicativo WhatsApp em três das entrevistas, enquanto nas outras duas foi utilizado o gravador de áudio do celular. Um dos participantes tem 14 anos, e os demais, 15 anos. Essa estratégia facilitou a coleta de dados de maneira prática e eficiente, respeitando a disponibilidade dos alunos fora da sala de aula. Além disso, o uso de gravações permitiu captar não apenas as falas dos informantes, mas também comportamentos e expressões que enriqueceram a análise qualitativa dos dados.

O objetivo das perguntas foi, em especial, identificar a rotina desses estudantes antes de ingressarem no Ensino Médio, buscando entender se eles já estavam habituados a uma dinâmica de estudos no Ensino Fundamental, com ênfase no 9º ano. Além disso, foram levantados questionamentos sobre a rotina atual deles, comparando com a experiência anterior. Com base nas entrevistas, houve uma ótima recepção dos informantes, que não demonstraram resistência e participaram de forma ativa, tentando responder às perguntas utilizando o repertório e a vivência que possuíam. É de extrema relevância, destacar que os nomes mencionados neste artigo são fictícios, com o objetivo de preservar a identidade dos informantes.

Após a conclusão da coleta de dados, foi criado um arquivo compartilhado no Google Docs, onde cada pesquisador transcreveu sua entrevista com o auxílio da IA,

um dos pesquisadores utilizou o aplicativo LuzIA, já os outros optaram por utilizar o site Good Tape, que também entregou ótimos resultados.

Inicialmente, ao entrar em contato com os entrevistados, foram feitas quatro perguntas introdutórias com o objetivo de coletar informações básicas, como idade, local de residência, composição familiar e se o entrevistado conciliava estudos com trabalho. Essas perguntas iniciais visavam, além de obter um panorama geral sobre os jovens, entender melhor quem eram fora do contexto escolar. Em seguida, houve um aprofundamento nas questões principais da pesquisa, focadas na transição escolar, no desempenho acadêmico e na existência de rotinas estudantis. O objetivo dos pesquisadores, foi analisar os efeitos dessa transição a partir das reflexões e realidades compartilhadas pelos participantes.

Diante dos métodos adotados, os dados serão apresentados em quatro tópicos principais: primeiro, o entendimento de pontos relacionados ao processo de transição; em seguida, análise das relações interpessoais dos adolescentes; posteriormente, a existência ou não de uma rotina de estudos por parte deles; e, por fim, será abordado a questão do deslocamento e do tempo que enfrentam para chegar à instituição de ensino.

3 Resultados e discussões

3.1 Do caos da transição à ordem das rotinas: um novo capítulo na vida do adolescente

A transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio representa um marco significativo na vida dos adolescentes, trazendo mudanças acadêmicas, emocionais, sociais, entre outras. Este período, desafia os estudantes a lidar com novas expectativas, tanto no desempenho escolar quanto na adaptação às dinâmicas

sociais, o que impacta diretamente o seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial.

- 1** Vale ressaltar, que muito da bagagem trazida dos anos anteriores impactam nesse período, inclusive Fiorentini e Lorenzato (2006) afirmam

que essa fase pode impactar nas lacunas de aprendizagem que os alunos carregam desde o Ensino Fundamental e que esse acúmulo pode posteriormente agravar dificuldades que poderiam ter sido solucionadas anteriormente. Com isso, é possível perceber que esta transição pode estar associada a uma queda inicial no rendimento escolar e ao aumento de níveis de estresse e ansiedade. Entender as complexidades dessa fase torna-se essencial para o desenvolvimento de políticas e práticas pedagógicas que facilitem a adaptação dos alunos.

Portanto, algumas teorias psicológicas e educacionais oferecem perspectivas valiosas sobre como os adolescentes enfrentam essa mudança. Erik Erikson (1963), por exemplo, com sua teoria do desenvolvimento psicossocial, descreve adolescência como um momento em que os jovens passam pela crise de identidade versus confusão de papéis. Durante essa transição escolar, a busca pela identidade é intensificada à medida que eles enfrentam novas responsabilidades e exigências. Os laços sociais, especialmente com pares e figuras de autoridade, tornam-se importantes para o desenvolvimento de um senso de identidade consolidado.

Além disso, a Teoria do Apego (TA) de John Bowlby (1980) destaca a importância dos vínculos emocionais seguros, como o suporte familiar ou neste caso, as conexões com os professores, que muitas vezes mal imagino a importância que possui na vida do aluno. Segundo Freire (2008, p. 23):

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.

Ou seja, o apego seguro pode proporcionar uma base emocional estável para que os adolescentes enfrentem as mudanças com maior resiliência. No contexto da transição escolar, isso se manifesta quando os estudantes têm o suporte de adultos confiáveis que os orientam e ajudam a enfrentar as incertezas e desafios. No entanto, para compreender de maneira mais profunda como os

estudantes lidam com suas demandas cognitivas e acadêmicas durante essa fase, as contribuições de Jean

Piaget (1884) e Lev Vygotsky (1994) são essenciais. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget (1884) trata essa etapa da vida como uma transição para o estágio das operações formais, onde o pensamento abstrato e resolução de problemas ganham destaque. Segundo ele, o sujeito procura se adaptar ao meio, como uma forma de sobrevivência, com isso esse procura equilibrar suas necessidades internas e as situações que vem a surgir por conta de fatores não só externos, mas internos também, sempre procurando se adaptar. Assim, de acordo com Piaget (2011):

Levando em conta, então, esta interação fundamental entre fatores internos e externos, toda conduta é uma assimilação do dado a esquemas anteriores (assimilação a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade) e toda conduta é, ao mesmo tempo, acomodação destes esquemas a situação atual. Daí resulta que a teoria do desenvolvimento apela, necessariamente, para a noção de equilíbrio entre os fatores internos e externos ou, mais em geral, entre a assimilação e a acomodação (Piaget, 2011, p. 89).

A partir disso, é perceptível o quanto os adolescentes passam a se adaptar a diferentes fatores ao saírem do fundamental. Durante o Ensino Médio, um ponto importante é o contato com matérias mais complexas que exigem maior capacidade de raciocínio lógico. A habilidade de pensar sobre possibilidades hipotéticas e realizar operações mentais abstratas é fundamental para o sucesso nas disciplinas mais exigentes como matemática. Por exemplo, no cotidiano escolar, essa transição para o pensamento formal pode ser observada quando os alunos enfrentam problemas de álgebra ou experimentos científicos. Tais que, eles não apenas memorizam as informações, mas começam a relacionar os conceitos e resolver problemas com maior autonomia. Essa evolução cognitiva também é essencial para a tomada de decisões mais independentes, o que se alinha com a busca de identidade discutida por Erikson (1963).

9

Por outro lado, a teoria sociocultural de Lev Vygotsky (1994) coloca grande ênfase no papel das interações sociais no desenvolvimento cognitivo. Lev, traz o conceito da ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) que explica a existência de uma distância entre o que uma pessoa consegue fazer sozinha e o que ela consegue fazer com ajuda. Então, ele argumenta que a aprendizagem é mediada pelas interações culturais e sociais, sendo a linguagem (mais especificamente a fala) e o diálogo, ferramentas fundamentais para o avanço cognitivo. Carlos Fino (2001) traz que:

Representando a ZDP a diferença entre o que o aprendiz pode fazer individualmente e aquilo que é capaz de fazer com a ajuda de pessoas mais experimentadas, como outros aprendizes "especialistas" na matéria, ou o instrutor, esta formulação de Vygotsky reforça, simultaneamente, a importância do princípio de prontidão, que implica a necessidade do aprendiz ter alcançado um determinado estado de aptidão para apreender determinado material cognitivo (Fino, 2001, p. 10)

A partir disso, na transição para o Ensino Médio, os adolescentes são expostos a novos grupos sociais, colegas e professores que influenciam diretamente o seu aprendizado, demonstrando o quanto as interações sociais são importantes nessa fase. Atividades em grupo, debates em sala de aula, e até mesmo interações informais durante o recreio, são exemplos práticos de como a mediação social facilita o desenvolvimento de novas competências cognitivas e habilidades interpessoais. Além disso, o ambiente escolar pode ser um espaço de grandes desafios sociais para adolescentes, como a formação de novos grupos de amizade e a adaptação a diferentes tipos de ensino. A pressão por um bom desempenho acadêmico, associado à ansiedade por atender as expectativas dos pais e da escola, também intensifica as demandas emocionais e cognitivas dos alunos. Essas mudanças podem afetar o bem-estar psicológico e, conseqüentemente, o desempenho escolar.

Urie Bronfenbrenner (1979) com sua teoria dos sistemas ecológicos, amplia essa discussão ao considerar as diferentes esferas sociais que

afetam os adolescentes durante essa transição. O autor ainda aponta que os adolescentes estão inseridos em um complexo sistema de relações que vão desde o ambiente escolar, até o contexto familiar e a sociedade em geral. Por exemplo, mudanças no contexto familiar, como separações ou dificuldades financeiras, podem influenciar diretamente em como o adolescente enfrenta essa transição. A integração entre os diferentes contextos nos quais os jovens estão inseridos é fundamental para sua adaptação.

10

Diante desses desafios, as escolas têm um papel crucial no apoio aos adolescentes durante essa transição. Portanto, políticas educacionais que promovam um ambiente de acolhimento e adaptação gradual às novas demandas podem fazer toda a diferença, assim como práticas pedagógicas que valorizem a interação social, como atividades colaborativas, tutoria entre pares e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, podem ajudar a minimizar o impacto dessa mudança. Além disso, programas de mentoria e aconselhamento psicológico dentro das escolas podem oferecer o suporte necessário para aqueles que enfrentam dificuldades emocionais ou acadêmicas durante essa fase. Vale ressaltar, a importância de se desprender a modelos tradicionais de ensino, afinal aparelhos culturais são de suma importância na formação do ser, e acerca disso Freire (2008, p. 20) diz que:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios.

Em suma, a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio é um processo multifacetado que afeta o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos adolescentes. As teorias de Piaget (1884) e Vygotsky (1994) que oferecem importantes percepções sobre o papel do desenvolvimento cognitivo e das interações sociais nesse período. Complementarmente, as contribuições de Erikson (1998), Bowlby (1980), Bronfenbrenner (1979) e Freire (2008) ampliam

uma compreensão dos desafios emocionais e sociais envolvidos. Compreender essas teorias e aplicá-las ao contexto educacional pode oferecer um suporte adequado aos adolescentes, facilitando sua adaptação e promovendo um desenvolvimento saudável.

3.1 Relações interpessoais

Os humanos são seres que tendem a se agrupar e viver em sociedade. Nesse sentido, as relações interpessoais se estabelecem e permeiam as diversas atividades realizadas que se baseiam na contribuição conjunta dos indivíduos. Dessa forma, os adolescentes passam por essa situação de interação com outros indivíduos, principalmente na escola. Sendo assim, essas relações moldam o comportamento e a maneira como esses adolescentes se sentem em relação ao ambiente escolar.

No âmbito das relações interpessoais, os entrevistados trouxeram diferentes perspectivas sobre o modo como essa mudança de série, e de escola, afetou nas relações que estão construindo e se adaptando. Eles relataram que realmente perderam contato com muitos colegas e professores, mas existe diferença, na visão deles, sobre a importância dessas perdas. Para alguns, foi ruim, mas já houve uma superação, para outros não fez muita diferença. Em contrapartida, tendo como base o pensamento de John Bowlby (1980) sobre a teoria do apego, esses vínculos são de suma importância entre os estudantes e os professores. Então, talvez, os próprios estudantes não percebam que sentem, de alguma forma, essa perda. Entre alguns relatos, se destacou o de Clara, em que a mesma afirma:

E os alunos? Mudaram nada. As mesmas pessoas? Não, não, eu tô falando de mentalidade porque ano passado eu tinha mais uma amiga, uma melhor amiga, só que aí eu mudei de escola e eu acho que ano passado eu tinha mais dificuldade pra fazer amizade tipo assim, eu sou uma pessoa que não tem muita vergonha, não tenho vergonha de se aproximar mas o negócio era que eu era amiga dela tanto tempo e ela tinha vergonha de falar com os outros. Ai como eu ficava com ela, eu não queria deixá-la sozinha, eu ficava com ela (Clara – 14 anos).

Tendo como base o pensamento de Lev Vygotsky (1994), em que ele defende que as relações sociais e culturais são fatores cruciais para o desenvolvimento cognitivo, pode-se ver que a aluna citada demonstrou, em seu relato, que suas relações foram afetadas pela transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, e no caso, ela precisou mudar de escola, ou seja, além de perder vínculos e conhecer novas pessoas, a mesma ainda precisou se adaptar ao espaço físico. Com isso, a adaptação aos ambientes, à rotina e às novas relações, pode ser penosa, sendo assim um processo em que o estudante necessita de assistência para se organizar e passar por isso de uma forma mais confortável. A partir das obras de Urie Bronfenbrenner (1979), quando ele traz sua teoria dos sistemas ecológicos, pode-se entender que esses estudantes adolescentes, ao mudarem de escola e perderem as relações sociais, acabam sendo forçados a formar novas relações e se adaptarem. Posto isso, as relações que se perderam, e as que estão sendo construídas, têm grande influência em seu desenvolvimento cognitivo.

3.3 Rotina de estudos ou falta dela

Um dos primeiros aspectos a ser entendido durante a pesquisa, foi a forma como os adolescentes se organizaram durante o Ensino Fundamental e como se organizam em tempos atuais, já no Ensino Médio. Nota-se que, cada um deles possui uma vivência diferente, porém com alguns pontos de semelhança. Vale destacar que, ambas as fases possuem objetivos e rotinas distintas, quando se trata do Ensino Fundamental a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN (Brasil, 1996, p. 27), define no Art.32 que “O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão”. Por sua vez, o Ensino Médio, segundo o Art.35 da mesma lei é definido da seguinte forma:

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades: I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; Lei no 9.394/1996 29 II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; [...]

13

Ou seja, se ambas as fases possuem objetivos e definições diferentes, as rotinas dos estudantes e suas vivências também irão mudar. A partir disso, os estudantes entrevistados foram questionados sobre como estava a organização em relação a rotina de estudos. Quando se trata desse aspecto, cada adolescente possui uma resposta diferente. Entretanto, o que pode se notar entre todas elas é que durante o Ensino Fundamental todos eles não estavam acostumados a se organizar para exercitar o que foi debatido anteriormente em aula. Com isso, o ato de criar hábitos de estudo não fazia parte das prioridades deles, o que foi preciso mudar ao adentrarem no primeiro ano do Ensino Médio. Ao ser questionado, Kaique (15 anos), só responde que não possuía tempo para estudar. Já Lucas (15 anos), relatou que:

Geralmente é assim, eu faço atividade de manhã, porque à noite eu chego bem tarde, porque eu não moro muito perto da escola. [...] Fui um aluno ótimo no nono ano, não querendo me gabar, né? Mas esse ano eu diria que eu me deixei relaxar. Não que caiu as notas, que estão péssimas, mas não era o que eu esperava (Lucas – 15 anos).

Através do exposto por Lucas, ele possui um espaço de tempo em seu dia separada para a execução de suas atividades, realidade oposta à de Kaique que não possui nem esse pequeno espaço de tempo durante o dia a dia, ou seja, mesmo ambos da mesma série, escola e cidade, possuem rotinas de estudos opostas, afinal esse tópico vai para além dos aspectos citados, existem uma série

de obstáculos que rodeiam esses alunos, alguns aprofundados mais futuramente nesse artigo. Ainda pensando em rotina, Barbosa (2000, p. 43) afirma:

As rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia a dia, tendo como o objetivo a organização da cotidianidade. São rotineiras m conjunto de atividades, como cozinhar, dormir, estudar, trabalhar e cuidar da casa, reguladas por costumes e desenvolvidas em um espaço e tempo social definido e próximo, como a casa, a comunidade ou o local, tornam-se automatizadas, pois é preciso ter modos de organizar a vida. Do contrário, seria muito difícil viver se, todos os dias, fosse necessário refletir sobre todos os aspectos dos atos cotidianos.

Com isso, retomando a fala do estudante, é importante ressaltar o momento em que esse deixa claro que não esperava uma queda de suas notas, foi possível perceber que o rendimento dos estudantes comparado ao ano anterior era um tópico para eles. Esses que, normalmente vinham de uma realidade em que os conteúdos eram menos complexos e suas notas sempre eram altas, fazendo com que os mesmos não vissem necessidade em criar uma rotina de estudos, o que fez com que esse hábito refletisse na rotina no Ensino Médio, sendo então muito complicado tornar o hábito de estudos algo comum, aumentando então a pressão acadêmica, que por sua vez, também é um dos principais efeitos sentidos pelos estudantes.

Um ponto importante, é o fato de que no Ensino Médio há uma maior expectativa em relação a autonomia e autogestão dos alunos. As responsabilidades aumentam, o que pode gerar ansiedade ou estresse principalmente nos alunos que não desenvolveram estas habilidades de forma plena durante o Ensino Fundamental. Além disso, as novas disciplinas e a preparação para os vestibulares ou Enem ampliam a gama de conteúdos que precisam ser assimilados pelos discentes, exigindo dos mesmos uma capacidade de organização mais eficiente na sua rotina de estudos.

Além disso, muitos estudantes relatam dificuldade em gerenciar o tempo de forma eficiente, como por exemplo Ingrid (15 anos), que disse: “Faço os meus afazeres de casa, tento dar uma estudada, mas pra mim é muito difícil”. Ou seja, a

falta de habilidades organizacionais adequadas combinada com o aumento de disciplinas pode levar a procrastinação ou a realização de tarefas de maneira apressada, o que compromete o rendimento escolar e também afeta a qualidade do aprendizado, visto que o tempo disponível para assimilar cada conteúdo de cada disciplina torna-se mais limitado, pois os professores frequentemente ministram as aulas em ritmo mais acelerado, com menos revisões e repetições de conteúdo, o que implica que os estudantes precisam desenvolver habilidades relacionadas a autodisciplina, organizando seu tempo dentro e fora do ambiente escolar; o que por outro lado mostra que essa mudança na carga horária e no número de disciplinas pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades importantes como gestão de tempo e autonomia estudantil. com isso Ingrid complementa:

Eu, por exemplo tinha dias uns três dias na semana, que eu chegava em casa uma e pouco e às três e meia eu já tava saindo de casa pra ir pro vôlei e eu passava até de noite e chegava de noite em casa. Então era um lazer que eu tinha. [...] Tem uma falta que faz. (Ingrid – 15 anos).

A princípio, muitos alunos demonstraram enfrentar desafios ao tentar equilibrar a crescente carga horária acadêmica com seus compromissos fora da escola, como práticas esportivas, atividades culturais, cursos complementares e momentos de lazer. Logo, com o aumento do número de matérias e da complexidade dos conteúdos no Ensino Médio, os estudantes passam a dedicar mais tempo aos estudos, o que muitas vezes resulta em uma redução no tempo disponível para atividades extracurriculares. Essa mudança, pode gerar impactos negativos, como a diminuição da participação em práticas esportivas ou artísticas, que são fundamentais para o desenvolvimento integral dos jovens, contribuindo para habilidades sociais, emocionais e físicas. A sobrecarga de responsabilidades acadêmicas faz com que muitos alunos priorizem as obrigações escolares em detrimento de suas atividades extracurriculares. Para alguns, a pressão para manter um bom desempenho nas disciplinas resulta na sensação de que o tempo é insuficiente para se dedicar a momentos de lazer ou a projetos pessoais. Essa falta de equilíbrio pode gerar altos

níveis de estresse e ansiedade, prejudicando não só o bem-estar emocional, mas também a capacidade de concentração e produtividade.

A ausência de atividades recreativas e de descanso adequado pode levar ao esgotamento, o que compromete o desempenho acadêmico a longo prazo. O lazer, as atividades físicas e os hobbies são fundamentais para o desenvolvimento integral do indivíduo, pois ajudam a aliviar a tensão, estimular a criatividade e melhorar o humor. Quando essas atividades são negligenciadas, os estudantes tendem a se sentir sobrecarregados. Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* traz um tópico intitulado “Ensinar exige alegria e esperança”. Em tal, o autor diz:

O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feita com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos (Freire, 1996, p. 35).

Ou seja, mesmo que o docente esteja feliz e depositando sua felicidade na sua prática, não significa que os discentes também estarão, afinal, como pensar em adolescentes felizes sem lazer, hobbies e tempo de qualidade? Dessa maneira, é importante que os alunos consigam organizar seu tempo de forma equilibrada, reservando momentos para o descanso e atividades que promovam prazer e relaxamento. Com isso, pais, professores e instituições de ensino podem contribuir ao incentivar práticas de gestão de tempo que permitam a conciliação entre estudos e lazer, além de oferecer suporte emocional para que os alunos lidem melhor com a pressão acadêmica. O equilíbrio entre as responsabilidades escolares e as atividades extracurriculares é essencial para garantir um desenvolvimento saudável e sustentável.

3.4 A rotina de deslocamento e tempo

Antes de tudo, é sabido que a realidade socioeconômica dos informantes não se mostra favorável principalmente nas escolas públicas estaduais, então a partir dessa realidade, optou-se por investigar os meios de transporte que traziam esses

jovens até a instituição. Vale enfatizar que o colégio fica localizado em uma área nobre de Fortaleza, onde boa parte dos alunos moram em bairros distantes, mas por conta da qualidade de ensino saem de casa quando o sol ainda nem raiou em busca de conhecimento. Tendo em vista que muitos são os estudantes que necessitam de transporte público, para chegarem às escolas principalmente nos grandes centros urbanos, os pesquisadores acharam válido evidenciar as problemáticas que envolvem a gestão de tempo desses adolescentes e em como isto afeta o cotidiano de estudos em um novo contexto educacional.

No momento dos questionários, os adolescentes entrevistados trouxeram relatos de como o desajuste na administração do tempo na nova rotina, tem dificultado os processos de aprendizagem e de interação social, trazendo os fatores de deslocamento como uma das principais diferenças sentidas pelos jovens. Para eles, a gestão do tempo se tornou algo muito importante, pois as novas necessidades da rotina demandam uma organização diferenciada da que já existia, com as mudanças de trajeto, ou com as atividades extraescolares. Ou seja, a pressa se tornou habitual, em meio a uma sociedade em que essa está presente todos os dias. Para Alves (2014, p. 138), “Somos seres da natureza como os animais e as plantas. E a natureza é sempre vagarosa. É perigoso introduzir a pressa num corpo que tem suas raízes na lentidão da natureza”.

Em suma, no processo de reorganização cognitiva das novas atividades baseado nos conceitos de Piaget, observa-se que o horário de acordar foi um dos principais pontos trazidos, alguns por terem de acordar mais cedo para fazer as tarefas em casa, para se arrumar mais cedo e apanhar o ônibus, ou na hora de realizar as atividades da escola; esse último ponto foi quase que uma unanimidade entre eles, porque todos perceberam uma necessidade de estudar maior do que quando estavam no Ensino Fundamental, como foi dito no tópico anterior houveram relatos de muitas notas baixas entre eles, justamente pela falta de tempo para desenvolver o que foi aprendido em sala de aula. Já outros, disseram que o horário de se levantar mudou para mais tarde, por conta da mudança de turno, quando anteriormente os mesmos estudavam no período da manhã, agora estudando pela tarde, todo o restante de sua rotina precisou se adaptar a essa mudança.

Só que eu estudava de manhã. Então eu ia pra escola a pé, porque era mais perto, né? E eu estudava muito menos do que no ano passado. Quer dizer, que esse ano. Ano passado eu mal estudava. Tipo assim, eu só fazia atividade quando eu tava na escola e estudava só antes da prova mesmo, mas esse ano eu comecei a estudar mais, comecei a focar, sabe? (Clara - 14 anos).

O relato da jovem traz outro ponto importante: a forma de locomoção utilizada pelos estudantes para chegar à instituição de ensino. Lev Vygotsky (1994) é um dos teóricos que fala sobre como as culturas influenciam na formação desses sujeitos. Com isso, quando a maioria dos informantes relataram utilizar o transporte público como principal meio de deslocamento, alguns deles também disseram ser a primeira vez que utilizavam esse serviço, aqui é possível ver que pegar o ônibus não era algo cultural para eles, que embora fosse uma coisa eminente a realidade na qual estavam inseridos, para eles ainda era algo incomum. Quando se pensa na rotina, é essencial considerar os desafios enfrentados por aqueles que nunca precisaram se preocupar com locomoção. Sabe-se que, em Fortaleza, o trânsito nos horários de pico é extremamente congestionado, assim, a organização exige uma demanda que vai para além de só estudar. O estudante deve buscar estratégias para lidar com situações como ônibus lotado, o cansaço, chegar tarde em casa, os perigos noturnos etc. Conclui-se então que a locomoção é um tópico de grande relevância quando se trata de barreiras na rotina escolar.

4 Considerações finais

Com o intuito de analisar os desafios enfrentados pelos adolescentes na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, essa pesquisa teve como objetivo focar em aspectos emocionais, culturais e sociais. Esse assunto, é de extrema importância para que possamos analisar pontos como: a socialização do adolescente tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, não só relacionada aos ciclos com os colegas, mas também quando se trata do tratamento

entre os mesmos e seus professores; a rotina de estudos, locomoção e abdições necessários durante essa nova fase. Sabe-se que, mudanças de rotina acarretam certo estranhamento e necessidade de adaptação de todo ser, trazendo para a reflexão de como se dá essa habituação quando se trata de adolescentes entre 14 e 15 anos.

Pode-se concluir que, essa fase se torna ainda mais complexa, afinal, é nessa idade que normalmente acontecem novas descobertas, o adentramento de novas responsabilidades e ciclos em suas vidas que irão implicar em mudanças físicas e psicológicas. A coleta de dados dessa pesquisa, foi feita de forma qualitativa, os resultados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas feitas com cinco adolescentes de uma mesma escola pública estadual de ensino regular da cidade de Fortaleza no estado do Ceará. É relevante mencionar que, não foi possível a liberdade de escolher qual aluno seria participante estudo, pois todos foram escolhidos pelo próprio coordenador, inclusive todas as entrevistas foram feitas com o mesmo presente na escola. Cada um dos adolescentes, possuía uma forma individual de se expressar, o que tornou a análise ainda mais interessante, pois muitas vezes eles relataram vivências parecidas, porém com interpretações diversas.

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível perceber que os alunos precisam de suporte e uma maior garantia de políticas públicas dentro e fora da escola, como por exemplo a criação de diálogos sobre rotina de estudos, sabe se que a escola já possui estrutura capaz de promover tais momentos. Inclusive, essa pauta também deverá ser levantada em relação ao corpo docente, para que uma maior conscientização aconteça. Quando se trata de locomoção, que inclusive foi uma das principais reclamações por parte dos alunos, percebe-se que não há grandes intervenções que possam ser feitas por parte da equipe gestora da escola, entretanto, cabe ao Governo buscar estratégias que facilitem o acesso dos estudantes à escola de forma mais ágil e direta. É sabido que, atualmente é fornecido uma política voltada à educação por parte da prefeitura de Fortaleza, onde o estudante fica isento de pagar passagem de ônibus, mesmo com este benefício, pergunta-se o porquê destes jovens precisarem ter que estudar tão longe de casa, o que acaba acarretando desgastes na sua rotina. Pois na maioria dos bairros da cidade há instituições que abrangem bairros

mais próximos, para que o adolescente não precise estudar tão longe, mas a escola em que nossos informantes estudam costuma ser conhecida como a que entrega resultados. Porém, a reflexão que vem é a de por que existe essa hierarquia entre as escolas públicas?

Portanto, é importante reiterar que a análise dessa temática, e a pesquisa como um todo, foi de suma importância para todos os membros da equipe de pesquisadores envolvidos, pois foi possível refletir que esse assunto fez parte cotidiano dos pesquisadores, de uma forma que os permitiu indagar de forma crítica sobre um problema recorrente, que existiu em suas épocas, mas que ainda ocorrem esses processos de transição em diversas etapas da vida. Além disso, viu-se o quanto a pesquisa é importante para a formação acadêmica e, também, para quem está fora desse contexto acadêmico, afinal Paulo Freire (1996 p. 14) traz em suas reflexões que “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”.

Por fim, o principal intuito de tal pesquisa foi ressaltar que cada adolescente deve ser acolhido e compreendido a partir do seu ponto de vista e nunca limitado a um modelo de adolescência específico, afinal existem múltiplas adolescências.

Referências

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta, 2014.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor & por força**: rotinas na Educação Infantil. São Paulo: Campinas, [s.n.], 2000.

BOWLBY, J. **Attachment and Loss**. 2. ed. New York: Basic Books, 1982. v. 1

BOWLBY, John. **Attachment and loss**. v. 3: Loss, sadness and depression. New York: Basic Books, 1980.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 28 set. 2025.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development**: Experiments by nature and design. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

ABREU, Cristiano Nabuco de. **do apego**: fundamentos, pesquisas e implicações clínicas. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 2005.

ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ERIKSON, Erik. **O ciclo de vida completo**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ERIKSON, Erik H. **Childhood and society**. 2. ed. New York: Basic Books, 1980.

FINO, Carlos Nogueira. **Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas**. Revista Portuguesa de Educação, v. 14, n. 2, p. 273-291, 2001.

FIORENTINI, D; LORENZATO, S. **Investigações em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. São Paulo: Autores associados, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Guimarães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Piaget**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ⁱ **Maria Adrielly Correia de Castro**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1691-8906>
Universidade Federal do Ceará

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Em 2023 ingressou como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e atualmente permanece como bolsista do PIBID, vinculada ao núcleo de Alfabetização.

Contribuição de autoria: A autora contribuiu como entrevistadora, além de ter contribuído na formulação de perguntas e na escrita do artigo, focando principalmente nos tópicos voltados a rotina escolar.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4514433513219694>

E-mail: adriellycastro2805@gmail.com

ⁱⁱ **Ayla Cassiano Vieira Gomes**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8518-228X>
Universidade Federal do Ceará

Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, com atuação como auxiliar de sala e possuindo experiências em Educação Infantil, especialmente no trabalho com crianças pequenas.

Contribuição de autoria: A autora participou do processo de entrevistas e formulação de perguntas, em relação a escrita contribuiu de forma mais focada no referencial teórico.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/446878346872635>

E-mail: aylacassianov@gmail.com

iii **Luyara Duarte de Souza**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4125-1094>

Universidade Federal do Ceará

Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, possui experiência voltada a educação inclusiva e busca contribuir no desenvolvimento integral das crianças, com dedicação e sensibilidade pedagógica.

Contribuição de autoria: A autora participou do processo de entrevistas e formulação de perguntas. Em relação a escrita contribuiu de forma mais aprofundada no tópico de locomoção.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2243207404788955>.

E-mail: luyaraduarte10@gmail.com

Editora responsável: Ariene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 25 de setembro de 2025.

Aceito em 26 de outubro de 2025.

Publicado em 06 de novembro de 2025.

Como citar este artigo (ABNT):

CASTRO, Maria Adrielly Correia de; GOMES, Ayla Cassiano Vieira; SOUZA, Luyara Duarte de. Rupturas e adaptações na passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.